



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

### A sinfonia da Alvorada

Ainda não fui ao Catetinho na reabertura depois da pandemia, mas irei em breve. Alguns amigos que foram ficaram comovidos com a beleza do lugar. Quando escrevi o livro *Da poeira à eletricidade — Uma história da música em Brasília* (ITS), mergulhei fundo na história da passagem de Tom Jobim e Vinicius de Moraes pelo Catetinho para compor a *Sinfonia da Alvorada*. Essa imersão em busca dos fatos desfez vários mitos. Existe uma versão de que a *Sinfonia da Alvorada* era uma obra de encomenda a pedido do presidente Juscelino Kubitschek, um projeto chapa-branca para marcar a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. É uma meia-verdade. Em primeiro lugar,

a data não confere. Eles estiveram em Brasília em setembro de 1960, e a *Sinfonia* foi concebida para celebrar o primeiro aniversário de Brasília, em 21 de abril de 1961.

Não viajaram no Viscount, o avião presidencial, que, segundo a maledicência de Rubem Braga, costumava trazer um gárrulo bando de grã-finas para passear, com farta distribuição de caviar e champanha. Vieram no épico fusquinha do Tom. É possível imaginar as agruras de vencer 1,3 mil km de estradas precárias daqueles tempos. Embora fossem cariocas clássicos, frequentadores das boates da Zona Sul, eles queriam experimentar a aventura da cidade modernista a partir de uma visão da poeira e da conquista do Oeste.

Desde que o projeto de Brasília se tornou realidade, Tom se entusiasmou com a ideia de compor uma música para celebrar a criação da capital moderna “em plena selva”, como ele acreditava,

desconhecendo o cerrado. Queria narrar toda a epopeia dos primeiros dias, quando era chão bruto, até a conclusão, com a imponente arquitetura de Oscar Niemeyer.

Em 1958, depois de sofrer um acidente de carro, Vinicius conversou com Tom, pela primeira vez, sobre o assunto, em um hospital de Petrópolis (RJ). Naquele mesmo ano, vários temas da *Sinfonia da Alvorada* foram compostos pelo maestro, conta Vinicius no artigo *Brasília: o nascimento de uma cidade ou como se faz um poema sinfônico*, incluído no livro *Samba falado*.

Na verdade, a ideia não era de JK; era de Oscar Niemeyer. Tom, Vinicius e Niemeyer haviam trabalhado juntos na peça *Orfeu da Conceição*, em que o personagem mítico baixa na favela. Niemeyer soprou para eles a ideia de criar um espetáculo de som e luz para Brasília, inspirado nas festas que se fazem na França.

Tom ficou animado e, pouco depois, Vinicius ouvia, no apartamento,

em Ipanema, os primeiros temas saírem do piano do maestro: “Belos temas que o compositor fora criando à medida que a ideia brincava na cabeça. Mas logo surgiram as primeiras vozes da reação. — Vai ganhar um cartório... Antonio Carlos, que não é de cartório nem nada, arrefeceu”, conta Vinicius em *Samba falado*.

Tom ficou muito magoado com a versão de que estava fazendo uma obra chapa-branca encomendada por JK e adiou o projeto à espera de “dias mais inteligentes”, nas palavras de Vinicius. Eles chegaram em 1960 com o convite de JK, sob o apelo de Niemeyer. Em suma: o pedido presidencial da *Sinfonia* só ocorreu depois de a composição nascer do desejo do maestro e de ser uma obra em progresso. No entanto, foi o empurrão que a dupla precisava para transformar o desejo em realidade.

Embora a passagem por Brasília tenha

sido fugaz, pois só permaneceram 10 dias no Catetinho, ela teve forte impacto de brasilidade em Tom e em Vinicius. O maestro chegou a comprar um lote no Lago Sul e, quando vinha a Brasília, gostava de ver, ao longe, as luzes do Plano Piloto. Vinicius encomendou a Oscar Niemeyer o projeto de uma casa em Petrópolis, inspirada no Catetinho, nos tempos em que era casado com Maria Lúcia Prouença.

Tom se embrenhava na mata do Catetinho para conversar com as perdizes e as jaós. Vinicius ficava na varanda apreciando “a silhueta sobrenatural da cidade na linha extrema do horizonte, recordada por auroras e poentes de indizível beleza”. Tom dizia que esse era o lugar mais antigo da Terra. Vinicius escreveu que o planalto central tem uma proximidade com o infinito. Além da *Sinfonia*, eles compuseram, no Catetinho, a obra-prima *Água de beber*. Depois daquela estada de 10 dias, Tom e Vinicius se tornaram mais brasileiros. Eles beberam na fonte de Brasília.

**VELÓRIO /** Amigos e parentes se reuniram ontem para se despedirem da artista plástica idealizadora dos vitrais da Catedral. Família fez questão que corpo fosse velado em Brasília, onde estão suas obras mais marcantes

# O adeus a Marianne Peretti

» EDIS HENRIQUE PERES

A Catedral Metropolitana, cartão postal de Brasília, atrai os olhares, por fora, pela arquitetura projetada por Oscar Niemeyer, e ao adentrar o espaço, o delicado e poético trabalho realizado com os vitrais transporta os visitantes em uma imersão de tons azul, verde e branco. Marianne Peretti, idealizadora do projeto, também é responsável por outros vitrais da capital federal, como os do Panteão da Pátria e do Memorial JK, mas confessava que seu trabalho predileto era o da Catedral. A artista plástica morreu na última segunda-feira, aos 94 anos, em Recife. O trabalho dedicado ao modernismo e à ousadia da arquitetura com curvas e concreto concedeu a ela reconhecimento internacional e o título de reinventora da arte do vitral.

Na manhã de hoje, na Igreja Rainha da Paz será celebrado a missa do 7º dia, às 10h; e às 18h, outra celebração será realizada na Catedral de Brasília. O corpo da artista foi velado ontem, no Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul, sob forte comoção e com a presença de amigos, familiares e artistas. Isabela Peretti, filha de Marianne, destacou à reportagem que a escolha de trazer o corpo da mãe para ser velado na capital Federal foi algo natural. “As obras mais importantes dela estão em Brasília e ela gostava muito da cidade. Trabalhou muitos anos aqui. A Catedral era a obra de arte que ela mais gostava e que também deu mais trabalho. A capital era onde tinha os amigos que a ajudaram. Por isso, acho importante que ela esteja homenageada aqui”, salientou. Após o velório, o corpo de Marianne foi levado para ser cremado em Valparaíso de Goiás.

Na última visita à capital, no fim de 2021, a artista plástica quis rever sua obra. “Não contamos a ninguém que ela viria porque queria que fosse algo mais íntimo, pessoal de mãe e filha, sem muita gente atrás. Era para ela ter esse momento de revisar o que produziu. Levei ela

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Uma homenagem foi realizada no Campo da Esperança, antes do corpo seguir para cremação. Hoje tem missa na Rainha da Paz

Rodrigues, esteve presente na cerimônia como representante do Governo do Distrito Federal. O chefe da pasta destacou que “Marianne é uma parte importante de Brasília”. “Ela ser velada aqui, por iniciativa da filha dela, é uma honra para a nossa cidade e uma forma da gente poder se despedir. Brasília poderá para sempre reverenciar as obras que ela deixou eternizadas através de sua sensibilidade”, afirmou.

Na análise de Silvestre Gorgulho, 74 anos, jornalista e ex-secretário de Cultura do DF, a sensibilidade ímpar é o diferencial da artista. “Ela se deitava no chão da Catedral para olhar como estava se formando o desenho dos vitrais. Ela tinha uma conexão com o céu de Brasília que é uma coisa única e fantástica. Ela é a única mulher que compõe os artistas construtores de Brasília e tinha essa sensibilidade feminina em toda a sua obra”, detalhou.

Silvestre salientou que Oscar Niemeyer pedia para que suas obras “tivessem a luminosidade e a sensibilidade do trabalho da Marianne”. “Ela conheceu Niemeyer de forma inusitada, quando viu em uma revista o Mondadori (projetado por Niemeyer), que ficava em Milão. Marianne decidiu que precisava conhecer aquele prédio. Então ela foi até o prédio e ficou admirando. Depois voltou a Paris e pegou um avião para o Rio de Janeiro para se apresentar ao arquiteto que tinha desenhado o lugar. Ela se apresentou a Niemeyer e conta que ficou encantada. Depois, Niemeyer a manda para Brasília, e assim os dois começam a trabalhar juntos”, comenta Silvestre.

### História

Marianne nasceu em Paris, filha de mãe francesa e pai pernambucano. Ela cresceu e estudou na França. Chegou ao Brasil em 1956, aos 29 anos. Em 1959, ganhou um prêmio pelo desenho da capa do livro na 5ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Pouco depois, conheceu, no Rio de Janeiro, Oscar Niemeyer, com quem viria a colaborar pelo resto da vida.

As obras mais importantes dela estão aqui em Brasília e ela gostava muito da cidade, onde trabalhou muitos anos”  
**Isabela Peretti, filha**

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ela tinha uma conexão com o céu de Brasília que é uma coisa única e fantástica”  
**Silvestre Gorgulho, ex-secretário de Cultura**

ao Congresso e umas três vezes na Catedral. Ela disse: ‘meus vitrais são bons. Eu fiz um bom trabalho’”, lembrou Isabela.

Filho de um amigo de Marianne, Diogo Santos, 43 anos e arquiteto, destacou: “cresci brincando enquanto ela trabalhava na Catedral. Chamava ela de tia. Meu pai, Nilo Roberto Aragão,

inclusive esteve com ela no último aniversário. Os dois eram amigos de longa data, há mais de 50 anos”, contou. Para o arquiteto, a morte da artista plástica é uma perda pessoal e para a própria arte. “A Marianne gostava muito do verde de Brasília e essa notícia da perda dela tem para mim o abalo sentimental, pois

a conheço desde criança, mas também a perda que sinto de estar indo embora uma grande artista. Ela trabalhou na criação de Brasília e foi responsável pela modernização dos vitrais, que eram utilizados antes nas igrejas renascentistas e góticas. A Marianne fez uma mudança muito grande na visão do uso do vitral

para o mundo inteiro. Ela é reconhecida por isso. Inclusive, ela quebrava um pouco o brutalismo do concreto de Brasília com as curvas de sua obra”, apontou.

### Eternizada através da obra

Secretário de Cultura e Economia Criativa, Bartolomeu

### Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

#### Sepultamentos realizados em 30 de abril de 2022

##### » Campo da Esperança

Andriela Freire Gomes, 37 anos  
Carmo Ricardo, 91 anos  
Celina Maria Alves Lima Silva, 65 anos  
Célio Rosa, 10 anos  
Durval Hugo Jesus Barbosa Rodrigues, menos de 1 ano  
Elvira Júlia da Silva, 83 anos  
Giorggini Jesus Barbosa Rodrigues, menos de 1 ano  
Kênia Adriana Gonçalves de Menezes, 52 anos

Luiz Lima do Prado, 63 anos  
Maria de Lourdes Bento dos Santos, 86 anos  
Maria Isabel Feitosa, 87 anos  
Maria Socorro Furtado Pereira, 86 anos  
Olenir Liberato da Silva, 86 anos  
Raimunda Freitas de Oliveira, 74 anos

##### » Brazlândia

Adelfo Pereira Barros, 57 anos

Maria Lindalva Pereira Barbosa, 52 anos

##### » Gama

Ailda Furtunato Gomes, 42 anos  
Antônio Monteiro de Azevedo, 77 anos  
Catarina Vidal da Silva, 88 anos

##### » Planaltina

Anatália Rodrigues da Costa, 77 anos  
Leandro Rosa Feliciano, 31 anos

##### » Sobradinho

Maria Alex Sandra Alencar Alves, 21 anos  
Moisés Alencar Cardoso, menos de 1 ano  
Luana Natiele Santos Ribeiro, menos de 1 ano

##### » Taguatinga

Aguimar Alves da Silva, 88 anos  
Adson Victor Moreira Gomes, 32 anos  
Ana Júlia Martins Aragão, 7 anos

Francisca Cardoso de Jesus, 79 anos  
Francisca Eduardo da Silva, 78 anos  
Joana D'Arc Silva, 63 anos  
João Avelange Ribeiro dos Santos, 47 anos  
Júlio Coimbra, 77 anos  
Juvenal Raimundo da Silva, 73 anos  
Manoel Alves da Silva, 85 anos  
Oswaldo Celso Cândido, 80 anos  
Selenice de Fátima de

Jesus, 63 anos  
Valdeni Castro Oliveira, 67 anos

##### » Jardim Metropolitano

Ayrton Evangelista Rocha (cremação), 82 anos  
Claudio Roque Jumbega da Silva, 57 anos  
Genilson Bernardino da Silva, 39 anos  
Márcia Cardoso Treitler (cremação), 69 anos  
Maria Anna Antonietta Peretti (cremação), 94 anos